

# Lula ou Cachaça? A construção do sentido de cachaça como referência ao Lula na *Folha de São Paulo* e na rede social X

*Lula or Cachaça? The construction of the meaning of cachaça as a reference to Lula in the Folha de São Paulo newspaper and on the social media X*

Frederico Guimarães

Universidade Federal Fluminense (UFF)

[fredericosidney@gmail.com](mailto:fredericosidney@gmail.com)

<https://orcid.org/0000-0001-5789-3717>

## RESUMO

Este artigo propõe analisar, numa reflexão acerca da relação entre língua e sentido, a discursividade no termo ‘cachaça’ em referência a Lula em artigo do jornal *Folha de São Paulo* e em postagens na rede social X. A análise terá como base teórico-metodológica a Análise do Discurso, desenvolvida inicialmente por Michel Pêcheux. Sendo assim, o trabalho discorrerá sobre a constituição discursiva de sujeitos na circulação do sentido de ‘cachaça’ em referência a Lula e tem como justificativa a possível contribuição para que se possa refletir sobre a expansão e a sustentação ideológica da extrema direita no Brasil, que é a feição extremada dos grupos políticos que tomaram força a partir da metade da década de 2010 no mundo. Tem-se como resultado o mapeamento discursivo no posicionamento ideológico dos sujeitos que se referem a Lula pelo termo ‘cachaça’.

**Palavras-chave:** Análise do Discurso; ideologia; cachaça; Lula.

## ABSTRACT

This paper aims to analyse how the term ‘cachaça’ has been used in relation to Lula in a *Folha de São Paulo* article and in discursive cuts of posts on the social network X, which was formerly known as Twitter. The analysis will be theoretically and methodologically based on Discourse Analysis, which was established by Michel Pêcheux. As a result, the analysis will discuss the discursive construction of Subjects in the circulation of the meaning of ‘cachaça’ in reference to Lula, and it is justified by the potential contribution to reflecting on the expansion and ideological support of the far-right in Brazil, which is the extreme form of political groups that gained strength after the mid-2010s around the world. The outcome is a discursive mapping of the ideological position of the Subjects who refer to Lula as ‘cachaça’.

**Keywords:** Discourse Analysis; ideology; cachaça; Lula.

## INTRODUÇÃO

“Novamente o governo do Cachaça premia os criminosos”, diz uma postagem na rede social X, antiga *Twitter*, em 20 de março de 2024. Para um leitor afastado das discussões políticas dos últimos anos, seria difícil compreender o sentido de ‘cachaça’<sup>1</sup> na sentença acima. No entanto, não seria difícil a interpretação praticamente espontânea deste mesmo termo para quem tem mais contato com discussões sobre a política brasileira, compreendendo que é uma referência a Luís Inácio Lula da Silva (Lula), eleito pela terceira vez presidente do Brasil nas eleições de 2022.

A construção desse sentido do termo ‘cachaça’, então, torna-se proveitosa para reflexão sobre a relação língua-sentido. Esta reflexão será pautada na perspectiva teórico-metodológica da Análise do Discurso, proposta por Michel Pêcheux (1997[1969]; 1995[1975]), e tem como objetivo principal analisar a circulação do sentido do termo ‘cachaça’ em referência a Lula no artigo da *Folha de São Paulo* (Rother, 2004) e em recortes de postagens na rede social X.

Como objetivos específicos, elencamos: 1 – contribuir para a compreensão do processo de constituição dos sujeitos no discurso que consolida e circula o sentido de ‘cachaça’ em referência a Lula de forma pejorativa; 2 – analisar como esse sentido se associa aos interesses políticos contrários à manutenção de políticas estatais por bem-estar social; e 3 – fomentar a reflexão acerca do papel das mídias sociais e das grandes mídias na consolidação de imaginários. Grandes mídias seriam “[...] a mídia que possui condições privilegiadas de circulação e, conseqüentemente, ampla representatividade em nossa formação social, por decorrência de seu poderio político-econômico” (Dela-Silva, 2018, p. 276).

O sentido de ‘cachaça’, então, será analisado a partir de posições ideológicas. Isso quer dizer que o tipo de ideologia a qual os sujeitos se identificam determina seus posicionamentos políticos. A referência conceitual sobre ideologia será aprofundada na discussão teórica. Porém, a princípio, trata-se de um conceito que auxilia o entendimento da divisão da sociedade em diferentes grupos e classes, de acordo com

---

<sup>1</sup> A palavra cachaça estará com aspas simples quando for mencionada para fins de análise, sem aspas quando for usada em exemplos gramaticais e aspas duplas nos casos de citação aos recortes do *corpus* analisado.

suas posições e opiniões políticas. Posto isso, partimos da divisão básica entre grupos políticos no espectro de esquerda e de direita.

Vasconcelos (2021), com sua tese premiada pela CAPES<sup>2</sup>, ao discorrer sobre o papel dos meios de comunicação na expansão da extrema direita no Brasil, sintetiza o tipo de posicionamento ideológico próximo da direita:

Como parte integrante do projeto de acumulação capitalista, os donos da mídia são defensores ferrenhos do atual estágio do neoliberalismo - financeirização do capital, autorregulação do mercado e aprofundamento do Estado mínimo (Vasconcelos, 2021, p. 45).

Então, as referências à direita e à esquerda serão baseadas nos posicionamentos dos sujeitos sobre o quanto seriam favoráveis ou não ao uso de instrumentos estatais para resolver problemas sociais e econômicos. Desta forma, a proposta de análise discorrerá sobre a constituição discursiva de sujeitos na circulação do sentido de ‘cachaça’ em referência a Lula como forma de contribuir para a reflexão da expansão e da sustentação ideológica da extrema direita no Brasil, que é a feição extremada dos grupos políticos que tomaram força a partir da metade da década de 2010 no mundo (Vasconcelos, 2021). Além disso, serão feitas reflexões sobre o papel de perfis nas redes sociais *online*, com suas tecnologias digitais, conjugando-se ideologicamente com o papel das grandes mídias na oposição à implementação de políticas de bem-estar e justiça social por parte do Estado.

Essa divisão de posicionamentos ideológicos na dicotomia direita e esquerda não visa simplificar as relações sociais, pois não é intenção reduzir e homogeneizar a sociedade em lados opostos estanques. Trata-se de um recurso analítico para auxiliar na menção a atitudes de grupos de sujeitos e seus posicionamentos que se assemelham, sem desconsiderar o contraditório e o heterogêneo. Com base nessas observações, portanto, analisaremos como tais preceitos ideológicos, circulados na grande mídia e nas redes sociais *online*, sustentam certezas e convicções que constituem sujeitos em posicionamentos políticos contra políticas estatais por justiça social e seus representantes, como no caso da referência a Lula por seu suposto hábito de beber cachaça.

---

<sup>2</sup> Resultado da premiação em <https://www.gov.br/capes/pt-br/assuntos/premios/premio-capes-de-tese/teses-premiadas/teses-premiadas-em-2022>. Acesso em: 28 maio 2024.

O *corpus* de análise será composto por 3 (três) recortes de postagens na rede social X, que até o meio de ano de 2023 se chamava *Twitter* e se constitui como uma rede social *online*. Tais recortes serão apresentados em forma de figuras provenientes de fotos de celular (*print*), obtidas a partir do uso da ferramenta de busca desta rede social por palavras como “cachaça”, “lula”, “Bolsonaro”, “eleição 2021”. Os nomes dos perfis não serão ocultados por conta do caráter público das postagens.

Esses recortes vão compor as Sequências Discursivas (SD), representando o “retorno da memória (a repetibilidade que sustenta o interdiscurso)” (Mariani, 1996, p. 54). As SDs serão numeradas de acordo com a ordem em que são apresentadas neste artigo e será acrescentada uma nota de rodapé quando cada SD for apresentada contendo o endereço eletrônico de onde o recorte foi feito. Cada SD será analisada como estando em relação à circulação do sentido de ‘cachaça’ em artigo do jornal *Folha de São Paulo* (Rother, 2004), uma empresa de comunicação considerada, neste texto, como integrante da grande mídia.

Num primeiro momento, será feito um aprofundamento da base teórica conceitual da análise proposta. Em seguida, abordar-se-á a relação do sentido de ‘cachaça’ no artigo da *Folha de São Paulo* com o sentido de ‘cachaça’ circulado nas SDs, para, por fim, analisarmos os posicionamentos ideológicos na constituição de sujeitos.

## LÍNGUA, FORMA-SUJEITO E O EFEITO DE SENTIDOS

A proposta de análise deste artigo se inscreve na linha teórica da Análise do Discurso com base em Pêcheux. Tendo em vista esse aporte teórico, o discurso é entendido como “efeito de sentidos” (Pêcheux, 1997[1969], p. 82) entre interlocutores. Os sentidos, por sua vez, tomam corpo a partir das formulações linguísticas, entendimento influenciado pela proposição de Orlandi: “Formular é dar corpo aos sentidos” (2012, p. 9).

Para este artigo, a conceituação de discurso explorada leva em consideração, no mínimo, três componentes para seu funcionamento: os interlocutores, a língua e os sentidos. A partir da complexidade de cada um desses componentes, são implementadas as reflexões acerca do sentido de ‘cachaça’ para criar um efeito de sentido sobre Lula.

Isso quer dizer que os interlocutores serão analisados pela noção de sujeito e a forma de sua constituição no discurso, fazendo remissão à noção de “forma-sujeito” explorada por Pêcheux (1995).

Por meio dessa noção, o discurso não é de um sujeito empírico, e sim de um processo de constituição que toma forma. Ou seja, para Pêcheux (1995), em suas reflexões sobre discurso científico, não haveria discurso de um sujeito ao passo que a produção de conhecimento se dá por tomadas de posições envolvendo processos discursivos no qual o sujeito em si é formado e não o agente em si da produção.

Nesses termos, a forma-sujeito é resultado do pré-construído que fundamenta a certeza do sujeito pensando como si mesmo, mas esquecido daquilo que o constitui. O sujeito então toma forma por meio de verdades e certezas que ele toma para si. Tais certezas são fornecidas pelo pré-construído, ou seja, os sentidos que são ditos e circulados antes da constituição do sujeito e que vão fundamentar os posicionamentos e opiniões desse sujeito quando toma sua forma no discurso.

Porém, é preciso ter claro: 1 - a língua não é transparente, ou seja, os sentidos são construídos não pela conexão entre a palavra e a coisa que se quer expressar, mas sim a partir da relação entre sujeitos no discurso; 2 – como não há transparência na língua e os sentidos estão em disputa, o desenrolar da história é movido pelas contradições, lutas e busca por consensos; 3 – tais consensos sustentam imaginários constituídos por um processo de significação através da insistência na circulação dos sentidos de uma determinada posição ideológica, pois “esses sentidos, ao serem falados, textualizados, vão se engendrando e constituindo um imaginário próprio a tal formação social” (Mariani, 1996, p. 133).

Isso quer dizer que, no entrelaçamento entre sujeito, língua e discurso, partimos do pressuposto de que a história se move em contradições nas quais o sujeito lida com os limites de suas verdades e certezas, pois o que está evidente para um sujeito não necessariamente é o que será entendido por outros sujeitos, e muito menos há uma conexão direta entre o dito e os fatos. Sendo assim, não necessariamente estamos tratando em si de um possível problema alcoólico do Lula, mas sim de como esse problema se constitui como tal e é significado por meio das disputas por sentidos.

Uma maneira de esclarecer melhor a relação entre língua e sujeito e como essa relação se estabelece na história por meio de processos discursivos é tomarmos a

discussão de sentido feita por Guimarães (1995). Em sua leitura de Frege, Guimarães explica a diferença entre sentido e referência ao tratar do “sentido no mundo”. A referência seria um objeto perceptível e o sentido é “o modo de apresentar um objeto enquanto a serviço, de igual modo, daqueles que falam uma língua” (Guimarães, 1995, p. 27). Então, podemos entender que o sentido, pela forma que apresenta os objetos a partir dos falantes de uma língua, afeta a forma na qual esses objetos são percebidos na referência linguística.

Essas considerações são frutos de longas reflexões filosóficas acerca da relação entre a língua e o mundo que não cabe aprofundamento neste artigo. Porém, a menção à diferença entre referência e sentido auxilia no entendimento do funcionamento da ideologia pelas leituras que Pêcheux fez de Althusser. A ideologia traz o aspecto histórico da luta de classes nessa disputa de sentidos e as percepções dos acontecimentos no mundo. Desta forma, o sentido de alguma coisa pode atender interesses de grupos político-econômicos, enfatizando o caráter político do processo discursivo que estamos querendo analisar sobre o uso da palavra ‘cachaça’ em referência a Lula.

É importante frisar que as menções à ideologia não a consideram um objeto abstrato pertencente a alguém (ideologia dominante, dominada, de classe etc.), mas sim tomadas de posições a partir de diferentes forças em confronto. Dentro de realidades múltiplas e heterogêneas, podemos remeter à noção de “formações ideológicas” (Pêcheux, 1997[1969]), que especifica o caráter da materialidade do efeito ideológico na tomada de posição do sujeito em um dado momento. Por isso são posições abertas ao contraditório e às desidentificações de acordo com a consolidação da (re)forma do sujeito.

Essas observações auxiliam na reflexão não só sobre a identificação de sujeitos desprivilegiados economicamente em posição contrária a projetos de justiça social implementadas pelo Estado, como também sobre as contradições dentro do próprio campo ideológico de apoio a tais projetos. Ou seja, um sujeito que apoia projetos de justiça social não necessariamente será constituído no discurso semelhante a outro sujeito com o posicionamento similar.

Considerando essa abordagem teórico-conceitual, passamos para a análise da relação da língua, a partir da autonomia relativa no processo discursivo, com a produção

do sentido (ideológico) do termo ‘cachaça’ em um artigo do jornal à *Folha de São Paulo*, para, em seguida, analisarmos a circulação desse sentido em perfis da rede social X.

## **CIRCULAÇÃO DISCURSIVA E A AUTONOMIA RELATIVA DA LÍNGUA**

Em 09 de maio de 2004, o artigo de Rother (2004) “Hábito de bebericar do presidente vira preocupação nacional”, era publicado no jornal *Folha de São Paulo*. Podemos pensar que essa publicação alimentou o imaginário que associa Lula à imagem de uma pessoa frequentemente alcoolizada.

O agravante é que o artigo não só corroborou com a noção de que essas informações sobre este possível hábito alcóolico de Lula seriam verídicas, mas também associou essa noção com as questões políticas do Brasil em 2004. Em um dos trechos, Rother diz que o uso de assessores para defender o presidente das acusações de corrupção e dos fracassos dos programas sociais do governo, e não o próprio, seria parte do desengajamento e da passividade do presidente em razão do seu apetite por álcool.

Em uma análise sobre esta publicação, Paganotti (2012) diz:

[...] A argumentação, altamente especulativa, baseia-se no ponto fraco dessa reportagem: as declarações indiretas (em off). Sua apuração é construída em poucas fontes na mídia, como Diogo Mainardi, da Veja, o blogueiro Cláudio Humberto, relatos de gafes suspeitas, piadas populares e uma declaração de Leonel Brizola para embasar a visão de que a passividade de Lula e as crises que seu governo enfrentava podem “talvez ser relacionadas” ao álcool (Paganotti, 2012, p. 3).

Pela análise de Paganotti, podemos dizer que o artigo publicado no Jornal *Folha de São Paulo* foi baseado em comentários que circulam sentidos sobre o hábito alcóolico de Lula e que ganhou forma de texto informativo num jornal de grande circulação. Com tom de veracidade, o texto então relaciona o hábito de Lula a problemas políticos, reforçando a noção de corrupção e incompetência.

Um recorte do artigo, inclusive, chama atenção sobre a sua própria incerteza argumentativa: “Independentemente se Da Silva tem um problema com bebida ou não, o tema tem se infiltrado na consciência pública e se tornado alvo de piadas” (Rother,

2004). Até então, se tratava de um artigo que constata como o hábito de beber do presidente da república seria uma preocupação nacional. Portanto, neste recorte, o hábito em si não é tão o foco, mas sim a circulação da imagem de que o presidente teria problemas com o consumo de álcool, reforçando o trato com o imaginário sobre Lula e não com o fato em si.

Em termos discursivos, o texto de Rother fez circular o imaginário de que Lula é alcoólico, incompetente e corrupto. A mescla desses sentidos alimenta, por sua vez, os posicionamentos dos sujeitos identificados na ideologia contrária ao que Lula representa de forma mais geral, como a defesa do uso dos aparelhos de Estado por justiça social e trabalhista alinhados ao espectro do que seria uma esquerda política.

O impacto desse imaginário ainda se mostra presente em 2024. Como exemplo, colocamos uma publicação da rede social X de 20 de março de 2024:

Figura 1. SD1



Fonte: Publicação de @AndreGA\_Pe<sup>3</sup> em 20/03/2024

Nessa SD, o perfil ressalta o sentido de criminoso para o governo eleito em 2021. O nome de Lula não aparece inicialmente, mas sim o substantivo ‘Cachaça’ (com inicial maiúscula, como um nome próprio). Textualmente, pode-se concluir que está explícita a vinculação entre os substantivos ‘cachaça’ e ‘Lula’, pois há a substituição lexical que dá forma à textualidade da mensagem: governo do Cachaça / governo Lula.

Os movimentos de representação e de sentido expostos nessa SD remetem às conclusões de Pêcheux sobre o papel do significante na relação do sujeito com a língua por meio do discurso em seus posicionamentos discursivos. Segundo Pêcheux, o “não-dito precede e domina as asserções” (Pêcheux, 1995[1975], p. 261). Nesse caso, o imaginário de alcoolismo, corrupção e incompetência mobilizado pelo artigo de Rother sobre os hábitos de Lula estão em circulação no posicionamento do sujeito do perfil da

<sup>3</sup> Disponível em: [https://x.com/AndreGA\\_Pe/status/1770477591054451045?s=20](https://x.com/AndreGA_Pe/status/1770477591054451045?s=20). Acesso em: 24 abr. 2024.

SD1. Não se quer dizer, com isso, que o sujeito do perfil da rede social X se influenciou pelo texto de Rother, mas sim pelo imaginário discursivo circulado e que ainda está presente em 2024, 20 (vinte) anos depois da publicação do artigo no jornal *Folha de São Paulo*.

Para melhor andamento da análise, é proveitoso retomarmos a reflexão de Pêcheux sobre a “imposição de sentidos às representações” (Pêcheux, 1995[1975], p. 262). Em suas conclusões sobre o papel da semântica na disciplina linguística, Pêcheux faz um apanhado do que se discutiu sobre a relação entre língua, discurso e sentidos na constituição de sujeitos, marcando a posição de que entre a língua e o sentido está o discurso constituindo sujeitos a partir de uma relação ideológica de classe.

O sentido circulado sobre ‘cachaça’ em referência a Lula envolve não apenas o funcionamento semântico para que as sentenças sejam compreendidas, mas também faz valer o processo discursivo que mobiliza o posicionamento ideológico do sujeito que se determina num sentido já posto sobre o Lula a partir de interesses políticos específicos. O processo discursivo então não está isento do funcionamento linguístico, e ainda se faz necessário o posicionamento de quem vai falar/enunciar/postar.

Sobre esse funcionamento linguístico, Orlandi (1996) especifica que não se trata, para entender a relação entre língua e discurso, da atenção à organização da língua em suas regras gramaticais. É necessário pensar na ordem simbólica, que compõe o sentido e determina a ordem da língua, além da sua organização gramatical. Nesse caso, a constituição da linguagem precede a formulação em si da sentença em sua organização sintática, morfológica, fonológica. O sentido é anterior, está no trabalho das relações históricas em suas disputas políticas.

Em razão desses pressupostos, entende-se que a língua teria uma “autonomia relativa” (Pêcheux, 1995 [1975], p. 91) em concordância com as leituras de Henry (2013 [1977]). Fica enfatizado que a língua possui uma organização que faz funcionar um sistema linguístico com suas leis fonológicas, morfológicas e sintáticas. Porém, seria na produção do sentido que essa autonomia se mostra relativa, pois é na base das leis internas da língua que se desenvolve o processo discursivo necessariamente inscrito numa “relação ideológica de classe” (Pêcheux, 1995 [1975], p. 92). Essa autonomia está em relação ao posicionamento do sujeito, constituído no processo discursivo que tem o funcionamento da língua como pré-requisito indispensável para seu processamento.

Cabe ressaltar que Pêcheux, nessas reflexões, procura explicitar suas conclusões em relação ao fato de a língua não ser uma superestrutura da teoria marxista. Isso leva a entender, de forma mais resumida, que as infraestruturas seriam as lutas de classes em si nas relações de trabalho cujos trabalhadores não possuem as posses dos meios de produção. As superestruturas, por sua vez, dão lugar aos conceitos, às interpretações e ao funcionamento ideológico na manutenção dos sentidos convenientes à manutenção dessas relações de trabalho.

Para Pêcheux, a língua, a partir de sua organização gramatical, é indiferente à luta de classes, mas as classes não seriam indiferentes à língua. Citando Balibar (1966), Pêcheux reitera que as classes utilizam a língua de modo determinado e no campo do antagonismo da luta política. Sendo assim, a língua não necessariamente estaria na infraestrutura da teoria marxista, mas seria a base para a luta de classes que a utiliza para fins de posicionamento e contraposição ideológica. “Ao empregar o termo ‘base’ não estamos querendo sugerir que a língua faria parte da infraestrutura econômica, mas somente que ela é o pré-requisito indispensável de qualquer processo discursivo” (Pêcheux, 1995 [1975], p. 135).

Desta forma, a referência a Lula nas formulações linguísticas não está isenta da imposição do sentido pré-construído que se repete numa determinada forma de significação sobre Lula. Enfatiza-se o processo de substituição do nome próprio de Lula para o substantivo ‘cachaça’ na SD1. O nome próprio em si, para Pêcheux, designa sem representar, pois o nome próprio não possui as propriedades de significação que representariam o objeto a ser mencionado. Por outro lado, o termo ‘cachaça’ forneceria certas características ao que será representado, podendo ser o sentido associado ao alcoolismo, irresponsabilidade, e outros termos associados ao popular em oposição ao sofisticado.

Lula, nesse caso, não é um substantivo que por si seria capaz de singularizar a pessoa que ocupa o cargo de Presidente da República em 2024, pois o nome não é a propriedade do sujeito nomeado, considerando que há vários sujeitos com o mesmo nome. Por sua vez, o substantivo ‘cachaça’ já representa um objeto próprio dentro das conotações da língua portuguesa, principalmente aquelas relacionadas à bebida alcoólica, possibilitando os processos metonímicos que dão contiguidade conceitual às significações pejorativas sobre malandragem, incompetência e corrupção.

A efetivação desse processo metonímico só é possível dentro da discursividade em que o sujeito do perfil da SD1 está inserido. A possibilidade da mescla da noção de malandro, de incompetente e de corruptos associada à imagem do que poderia representar um cachaceiro se torna viável dentro do espectro ideológico da direita. Por isso enfatiza-se o funcionamento discursivo como um processo produtor de efeito de sentidos. Esse processo tem a língua portuguesa como algo em comum tanto para o leitor contrário como para o leitor identificado a esse sentido que tomou forma na SD1, mas com processos semânticos específicos atrelados aos antagonismos ideológicos.

O aspecto discursivo de tais antagonismos será aprofundado a seguir. Se nesse primeiro momento a análise se concentrou no funcionamento do discurso e da língua a partir do artigo da Folha de São Paulo e da SD1, a seguir a análise se concentra no aspecto específico do sentido ideológico dos posicionamentos dos sujeitos.

## **SENTIDO E POSICIONAMENTO IDEOLÓGICO**

Além das questões envolvendo o sentido político do suposto problema alcoólico de Lula, pode-se aprofundar a reflexão acerca do imaginário classista em si, ressaltando posicionamentos ideológicos mais específicos em relação à origem socioeconômica de quem teria mais o hábito de beber cachaça. Um sentido circulado por Rother (2004) remete à origem metalúrgica e ao apelo popular de Lula.

“Da Silva, um metalúrgico de 58 anos, mostrou ser um homem de apetites e impulsos fortes, o que contribuiu para seu apelo popular” (Rother, 2004). Neste recorte, são ressaltados aspectos que vão além da questão política governamental. O sentido de “homem de apetites” e “impulsos fortes” remete à noção rústica e emocional de Lula, marcando a oposição de um sentido mais contido e racional sobre a imagem de quem ocupa o cargo de liderança política executiva de um país.

Em outro trecho, o artigo especifica a origem de pobreza socioeconômica de Lula, mencionando aspectos familiares associados à agressividade do pai em razão do alcoolismo, além da menção do histórico sindical:

Da Silva nasceu em uma família pobre, num dos Estados mais pobres do país e passou anos liderando sindicatos de trabalhadores, um ambiente famoso pelo alto consumo de álcool. Relatos da imprensa brasileira têm repetidamente descrito o pai do presidente, Aristides - o qual ele pouco

conheceu e morreu em 1978 - como um alcoólatra que maltratava suas crianças (Rother, 2004).

Paganotti (2012) fez a seguinte observação acerca do sentido pejorativo sobre a origem sindical e socioeconômica do Lula:

[...] os hábitos alcoólicos de Lula seriam explicados – porém não justificados – pela sua origem humilde, que reflete, mais uma vez, o imaginário sobre o Brasil da ‘pobreza’. Como um reflexo hereditário do vício de seu pai abusivo, o determinismo do seu berço foi reforçado, posteriormente, pelo convívio sindical em um ‘ambiente famoso pelo abuso de bebidas’ (Paganotti, 2012, p. 6).

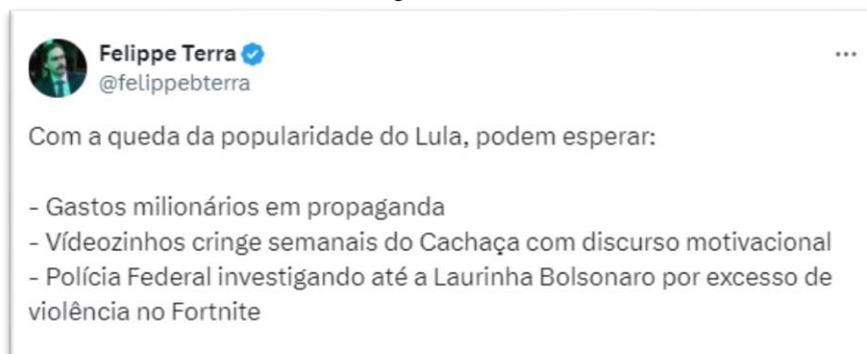
O interessante das observações de Paganotti são que os sentidos pejorativos da origem socioeconômica e sindical seriam uma base de veracidade das informações sobre o problema alcóolico de Lula, além dos comentários de outros políticos e jornalistas. Ou seja, o sentido inscrito no imaginário sobre pobreza e sindicalismo fez parte da sustentação da argumentação do artigo.

A circulação desse sentido pejorativo da origem socioeconômica de Lula no artigo de Rother fez parte de um editorial de 2019 da revista *Carta Capital*, mais próxima do espectro da esquerda política. Tal editorial menciona a resposta de Jair Bolsonaro, na época Presidente da República, sobre a crítica de Lula ao então governante do executivo. Em resposta a Lula, Bolsonaro rebate que o Brasil “pelo menos não é (governado) por um bando de cachaceiros” (Lula, 2019). O termo derivado do substantivo ‘cachaça’ serviu para reafirmar o suposto problema alcóolico de Lula. A questão a ser mencionada é que não se trataria só de um problema político, haveria também o peso do sentido pejorativo sobre a origem social de Lula.

O editorial é específico na formulação sobre a questão preconceituosa do sentido sobre quem bebe cachaça: “o problema não está no consumo exagerado de uísque, vodka ou cerveja. Está no de cachaça, que se tornou uma espécie de metonímia pejorativa quando se quer ofender alguém” (Lula, 2019).

Enfatiza-se a utilização desse recorte da revista *Carta Capital* não como uma validação do argumento sobre o sentido pejorativo de comportamentos que devem ser associados à pobreza, mas como ressaltar sobre a circulação de sentidos, sua discursivização e o tom crítico possível a essas circulações. Para tanto, analisemos as seguintes SDs:

Figura 2. SD2



Fonte: Publicação de @felippebterra<sup>4</sup> em 22/03/2024

Na SD2, o substantivo ‘cachaça’, assim como na SD1, forma a locução adjetiva para marcar a propriedade dos vídeos que seriam produzidos segundo o que a proposição da postagem quer dizer: “vídeos do Cachaça”. Além disso, a coesão textual se constrói pela contiguidade semântica em que o substantivo ‘cachaça’ na locução adjetiva retoma o emprego do substantivo Lula, que no início da postagem forma a locução adjetiva de “popularidade”, marcando o assunto no qual a postagem foca.

Vale ressaltar que a construção da coesão textual dessa mensagem depende da assimilação dos sentidos entre leitores. Ou seja, depende da evidência de que o sintagma “do Cachaça” faça uma continuidade temática e semântica com o que é dito no início da mensagem sobre a “popularidade do Lula”. Caso não tivesse essa contiguidade semântica, o sentido do texto seria afetado por problemas de coesão.

Essa textualidade que dá forma ao sentido pejorativo sobre a imagem de Lula está presente tanto na SD1 com na SD2. Na primeira, a postagem diz respeito à assimilação de Lula às práticas políticas do Movimento dos Sem Terra (MST). A marca ideológica de posicionamento contrário a Lula está na utilização de formas lexicais incisivas para o sentido negativo sobre a prática política de Lula: “invadiu”, “criminosas” como exemplo.

Por sua vez, na SD2, a postagem diz respeito ao resultado da pesquisa de popularidade do governo Lula em 2024. O tom pejorativo, expresso de forma mais

---

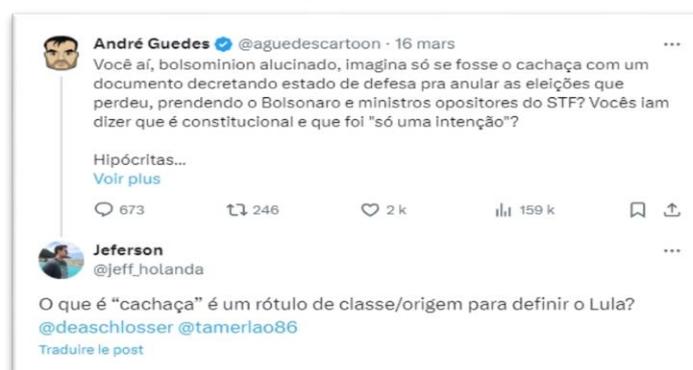
<sup>4</sup> Disponível em: <https://x.com/felippebterra/status/1771164647548219746?s=20>. Acesso em: 24 abr. 2024.

indireta, está nos adjetivos mais neutros<sup>5</sup> sobre a questão ideológica: “gastos milionários”, “cringe”, “motivacional”, etc. Apesar de o sentido negativo ser menos incisivo do que está formulado na SD2, o sentido amplo produzido pela postagem seria negativo na forma satírica em que a postagem se refere ao que seria uma artimanha política de Lula: aumentar gastos com propaganda, desqualificação dos tipos de vídeos produzidos pela equipe do Lula, e a utilização da Polícia Federal para perseguir opositores políticos.

Podemos concluir que o posicionamento dos sujeitos dos perfis das postagens identifica-se em posição política contrária a Lula, sendo, portanto, um posicionamento político-ideológico. Isso marcaria a semântica do substantivo ‘cachaça’ no processo discursivo de desqualificação da imagem política de Lula. Tal sentido é tratado neste artigo como marca ideológica, pois Lula, retratado no próprio artigo de Rother, se utiliza do sentido de cachaça para exatamente ressaltar sua origem humilde e sua proximidade com o cotidiano popular. Nesse caso, o popular pode ser entendido em dicotomia com o sentido de elitista.

Na SD3, a seguir, será analisada como a percepção da referência de ‘cachaça’ a partir da marca ideológica é questionada por apoiadores de Lula, reiterando como o sentido do termo tende a mudar de acordo com o posicionamento ideológico do sujeito:

Figura 3. SD3



Fonte: Comentário de @jeff\_holanda<sup>6</sup> em 16/03/2024

<sup>5</sup> A neutralidade referida faz menção ao fato de os termos em destaque não conotarem diretamente algo específico de uma posição ideológica. Ou seja, gastos milionários, cringe e motivacional não marcam exatamente uma posição ideológica de esquerda ou direita, ao contrário da conotação de que as ações do MST são crimes de invasões de propriedades.

<sup>6</sup> Disponível em: [https://x.com/jeff\\_holanda/status/1769029636212576736?s=20](https://x.com/jeff_holanda/status/1769029636212576736?s=20). Acesso em: 24 abr. 2024.

Cabe, na análise de SD3, especificar o funcionamento da plataforma da rede social X. Este recorte é a reposta do perfil “Jeferson (@jeff\_holanda)” à postagem do perfil “André Guedes (@aguedescartoon)”. A postagem usa o substantivo ‘cachaça’ não como locução adjetiva para modificar o significado dos substantivos “governo” e “videozinhos”, conforme formulado nas SD1 e SD2. Dessa vez, o ‘cachaça’ seria o substantivo em posição sintática de sujeito do verbo decretar na sentença parafraseada da SD4: o cachaça decreta estado de defesa. A conexão entre ‘Lula’ e ‘cachaça’, nesse caso, se deu por questões linguístico-pragmáticas que reiteram o interdiscurso sustentando a ideia do hábito de consumo alcóolico do presidente do Brasil eleito em 2022.

Não há na SD3 a ferramenta textual de substituição lexical como há nas outras SDs para poder dizer que há linguisticamente a referência a Lula. Nesse caso, são necessárias inferências pragmáticas para perceber a conexão dêitica no uso dos substantivos ‘Lula’ e ‘cachaça’ como referência a um mesmo objeto (o político Lula). Foi o que possivelmente fez o perfil de Jeferson ao questionar o perfil de André sobre o sentido do termo cachaça: “é um rótulo de classe/origem para definir o Lula?”.

A conclusão de Jefferson de que o termo ‘cachaça’ se tratava de Lula é uma demonstração de como tal sentido está difundido no discurso. Porém, o questionamento sobre o que seria “o cachaça” na postagem inicial faz mover o posicionamento do sujeito no discurso. Apesar de ter percebido o sentido de que cachaça seria uma forma de designar o Lula, a formulação de Jefferson desloca a evidência do sentido de cachaça usado por André.

Ou seja, se André facilmente substitui o nome próprio de Lula pelo substantivo ‘cachaça’, mostrando uma obviedade de que os termos ‘Lula’ e ‘cachaça’ são capazes de designar um mesmo objeto, para Jefferson essa evidência se quebra e é levantado o questionamento de quais mais sentidos essa substituição seria capaz de dizer. Nesse caso, cabe a reflexão do papel da ideologia de classe nos posicionamentos contrários ou favoráveis às pautas político-econômicas defendidas por Lula. O que se observa é que a diferença na forma com que o sentido de ‘cachaça’ toma corpo na SD3 também estaria associada à forma com a qual os perfis se posicionam politicamente em relação ao Lula.

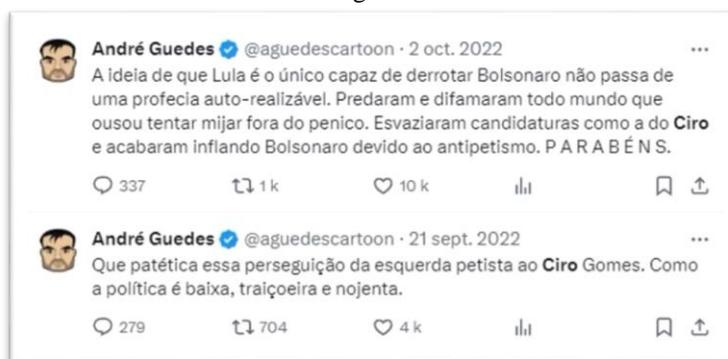
Vejamos outras postagens dos perfis da SD1, 2 e 3:

Figura 4



Fonte: elaborado pelo autor (2024)

Figura 5



Fonte: elaborado pelo autor (2024)

A partir do uso da ferramenta de busca da rede social X em cada um dos perfis das SD1, 2 e 3, é observado que eles possuem em comum o posicionamento contra a eleição de Lula. Portanto, podemos entender que o sentido de ‘cachaça’, quando usado de forma pejorativa em substituição ao nome de Lula, tem relação com o fato de que tais sujeitos apoiam os opositores de Lula nos processos eleitorais para presidente. No caso da figura 4, referente aos perfis das SD1 e SD2, trata-se do apoio a Bolsonaro, presidente da extrema direita eleito em 2018. Por sua vez, na figura 5, referente ao perfil da postagem principal da SD3, o apoio foi ao candidato Ciro Gomes, que buscou representar a “terceira via”, termo que ficou conhecido em referência à opção de voto,

além da polaridade predominante entre Lula e Bolsonaro nas eleições de 2018<sup>7</sup> e de 2022.

Quanto à questão ideológica, por um lado, o apoio a Bolsonaro permite uma compreensão mais direta de posicionamentos políticos opostos, pois o imaginário sobre Bolsonaro tende a contemplar eleitores que se posicionam por demandas mais à direita do espectro político (liberação das armas, conservadores, ideias de liberalismo econômico em detrimento de intervenção estatal para amenizar mazelas econômicas e sociais). Por outro lado, o apoio ao Ciro não configura exatamente oposição ideológica, pois fica mobilizado um imaginário de uma opção à esquerda, como a defesa ao protecionismo estatal para empresas nacionais e o acerto de dívidas financeiras para os mais pobres, pautas mais próximas das propostas de Lula. No caso do apoio a Ciro, a questão ideológica no posicionamento do sujeito fica mais contraditória.

Em razão disso, especifica-se que o entendimento de um processo discursivo precisa considerar o heterogêneo e o contraditório. As formas que os sentidos tomam e o movimento de identificação do sujeito inscrito nos sentidos analisados não são fechadas, delimitadas e padronizadas. Seria mais proveitoso fechar a análise das SDs na dicotomia entre Lula *versus* Bolsonaro, esquerda *versus* direita. Todavia, o contraditório faz parte da história, que foge das dicotomias que simplificam os sentidos e nos confortam numa suposta regularidade analisável.

Contudo, é pelo contraditório que se processam as lutas pelos sentidos. Por isso os posicionamentos não se encerram em dicotomias, abrindo espaço para o posicionamento ideológico numa terceira e mais opções políticas, nem tanto à direita com as controvérsias extremistas de Bolsonaro, mas também nem tanto à esquerda representada pela figura do Lula, desgastada por denúncias de corrupção e críticas à condução econômica (considerando a alegação de que não teriam sido tão à esquerda como esperado).

O trabalho do ideológico faz o sujeito crer que sua posição seja clara e evidente, como se não houvesse o contraditório. O sujeito acredita em si e em suas posições como filtradas exatamente das determinações discursivas/ideológicas. Discutindo sobre a relação entre discurso e ideologia, Pêcheux diz que:

---

<sup>7</sup> A candidatura de Lula foi impedida de concorrer nas eleições, sendo substituída pela candidatura de Fernando Haddad, correligionário de Lula.

[...] não há, na luta ideológica (bem como nas outras formas de luta de classes), ‘posições de classe’ *que existam de modo abstrato e que sejam então aplicadas* aos diferentes ‘objetos’ ideológicos regionais das situações concretas, na Escola, na Família etc. É aí, na verdade, que o vínculo contraditório entre reprodução e transformação das relações de produção se liga ao nível ideológico [...] (Pêcheux, 1995[1975], p. 146).

Isso quer dizer que múltiplos processos de identificação afetam a forma na qual os sujeitos se posicionam no discurso. Além do aspecto ideológico que opõe o apoio ou não às lutas trabalhistas por justiça social a partir dos aparatos estatais, há nuances que ressaltam valores sociais, requinte, hombridade e diversas categorias que induzem os sujeitos a se diferenciar de um grupo com o qual não querem se identificar. As contradições no posicionamento político interessariam à Análise do Discurso por não existir um posicionamento sem contradição e pelo próprio caráter não transparente da língua na consolidação dos sentidos que, por sua vez, atuam no processo histórico.

Nesse caso, os defensores da política de bem-estar social que apoiam Lula implicam o contraditório em razão de Lula não necessariamente ser capaz de atender plenamente tais demandas; os desfavorecidos economicamente que apoiam Bolsonaro implicam o contraditório quando aceitam que o Estado não deve atuar na diminuição das desigualdades de renda; assim como os apoiadores de Ciro implicam o contraditório quando buscam um filtro capaz de se desvincularem dos sentidos pejorativos de Lula sobre o popular, o ineficiente, o corrupto etc.

Nesse caso, considerando que os resultados das pesquisas e eleições presidenciais de 2018 e 2022 evidenciaram que o apoio a Ciro não chegou a 15% dos eleitores, é circulado nos jornais o fato de que os apoiadores de Ciro seriam pessoas com mais poder aquisitivo e mais escolarizadas (Pesquisa, 2018; Barbon, 2022). Tem-se então um aspecto histórico eleitoral em que os perfis de apoio a Ciro não seriam, em sua maioria, oriundos das camadas mais populares, conforme se demonstram distribuídos os apoiadores de Lula e de Bolsonaro.

Não se pretende com tais argumentos desmerecer o posicionamento político favorável a Ciro. As análises foram feitas para compreender o processo de constituição dos sujeitos pela forma com que se inscrevem no discurso por meio do sentido de ‘cachaça’ em referência a Lula. Nesse caso, foi observada, nas SDs analisadas, a proximidade entre os apoiadores de Ciro e de Bolsonaro na forma pejorativa de associar

os termos ‘Lula’ e ‘cachaça’. Isso não quer dizer que todos os eleitores de Ciro empregam sempre este sentido de ‘cachaça’ ou que rechaçam a ideia do popular, mas que o tom pejorativo do emprego do termo ‘cachaça’ levanta a reflexão do processo de identificação do sujeito a este sentido pejorativo.

Podemos concluir que a facilidade de o sentido de ‘cachaça’ substituir o nome próprio de Lula para poder designar o presidente do Brasil não seria somente baseada na referência ao consumo de bebida alcoólica, mas também faria referência ao imaginário popular com o qual o próprio Lula procura se identificar. Isso nos auxilia na compreensão de como um imaginário pejorativo de popular, além das oposições ideológicas, unifica o efeito de sentido entre cachaça e Lula, tanto retratado no artigo de Rother, como também se encontra presente na forma como os perfis na rede social X usam o sentido de ‘cachaça’ para dar uma conotação negativa a Lula.

Isso quer dizer que, além do aspecto constitutivo do sujeito no discurso, é possível considerar uma afinidade ideológica entre a publicação da *Folha de São Paulo* com as forças que apoiaram a extrema direita nas eleições presidenciais de 2022, o que complementa a análise de Vasconcelos (2021) sobre o peso dos jornais da grande mídia na expansão da extrema direita brasileira. Em adição, Guimarães (2023) também ressalta a afinidade ideológica da grande mídia com as forças de extrema direita no processo de divulgação de informação, conectando inclusive a atuação da imprensa com as postagens nas redes sociais *online* na divulgação de *fake news* como parte do projeto político neoliberal.

Em suas palavras:

[...] frisou-se um sentido de continuidade e complementação entre as notícias circuladas nas grandes mídias com as notícias circuladas nas redes sociais *online*. Ambas as redes de distribuição de notícias consolidaram imaginários contrários aos sentidos ideológicos que defendem justiça social (Guimarães, 2023, p. 158-159).

Sendo assim, foi possível mapear, a partir dos conceitos teóricos da Análise do Discurso, nessa relação entre língua e sentido, o processo de constituição de sujeitos no discurso que circula o sentido de ‘cachaça’ como forma de se referir pejorativamente a Lula. Nessa construção do sentido pejorativo, constaria não apenas o papel semântico sobre alcoolismo, mas também um peso em relação ao popular como meio de

desprestigiar e deslegitimar um expoente líder político alinhado ao espectro político da esquerda.

## **PARA UM EFEITO DE ENCERRAMENTO...**

A partir da reflexão da relação entre língua e sentido, foi analisada a discursividade no termo ‘cachaça’ em referência a Lula em artigo do jornal *Folha de São Paulo* e em postagens na rede social X. Para tanto, abordou-se a maneira na qual a língua, a partir de sua ordem simbólica, possui uma autonomia relativa em relação aos processos discursivos. Essa autonomia relativa foi entendida como estando em relação ao posicionamento do sujeito no processo discursivo.

Em razão disso, o sentido que os termos ganham não está ligado à língua, mas sim ao processo discursivo, que depende da língua para seu funcionamento. Nesse caso, o entendimento da relação entre língua e sentido tomou como modelo teórico-conceitual a Análise do Discurso, que pressupõe a existência da forma-sujeito na relação entre língua e sentido. Ou seja, o sentido funcionaria como um efeito produzido entre formas-sujeito no discurso. Por isso enfatizou-se o funcionamento discursivo como um processo produtor de efeito de sentidos.

No caso do uso do termo ‘cachaça’ para se referir a Lula, esse funcionamento discursivo tem a língua portuguesa como algo em comum tanto para o leitor contrário como para o leitor identificado aos sentidos pejorativos sobre o Lula. O sentido do termo ‘cachaça’, por sua vez, está atrelado aos posicionamentos ideológicos dos sujeitos em relação a Lula. Nesta reflexão, foi enfatizado que o sentido circulado sobre ‘cachaça’ em referência a Lula envolve não apenas o funcionamento semântico para que as sentenças sejam compreendidas, mas também faz valer o processo discursivo que mobiliza o posicionamento ideológico do sujeito que se determina num sentido já posto sobre o Lula a partir de interesses políticos específicos.

Isso contribuiu para a compreensão da constituição dos sujeitos, nas SDs analisadas, usando o termo ‘cachaça’ para se referir a Lula, e que essa constituição se efetiva de acordo com interesses políticos contrários à manutenção de políticas estatais por bem-estar social e/ou influenciados por um imaginário desprestigiante sobre aspectos populares. Por fim, considerando uma abordagem conjuntural, foi possível

analisar a afinidade ideológica entre a publicação da *Folha de São Paulo* com as forças que apoiaram a extrema direita nas eleições presidenciais de 2022.

## REFERÊNCIAS

BALIBAR, Étienne. *Marxisme et Linguistique. Cahiers marxistes-leninistes*, n. 12-13, 1966.

BARBON, Júlia. Datafolha: Eleitor de Ciro é contra armas e se importa mais com economia ao votar. *Folha de São Paulo*. 1 jun. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/06/datafolha-eleitor-de-ciro-e-contra-armas-e-se-importa-mais-com-economia-ao-votar.shtml> Acesso em: 24 abr. 2024.

DELA-SILVA, Silmara. Da resistência aos discursos da/na mídia: sobre eventos e páginas no Facebook. In: SOUSA, L.M.A. et al. (org.). *Resistirmos, a que será que se destina?* São Carlos: Pedro & João Editores, 2018. p. 273-295.

GUIMARÃES, Eduardo. *Os limites do sentido: um estudo histórico e enunciativo da linguagem*. Campinas, Pontes, 1995.

GUIMARÃES, Frederico Sidney. Fake news e ameaça comunista no Brasil: o discurso contra justiça social (1964-2018). *Línguas e Instrumentos Linguísticos*, Campinas, SP, v. 26, n. 52, p. 140–160, 2023. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/lil/article/view/8673552> . Acesso em: 28 abr. 2024.

HENRY, Paul H. *A ferramenta imperfeita: Língua, sujeito e discurso*. Campinas: Unicamp, 2013[1977].

LULA, a cachaça e o preconceito de classe. *CartaCapital*. 29 abr. 2019. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/3a-turma/lula-a-cachaca-e-o-preconceito-de-classe/> Acesso em: 24 abr. 2024.

MARIANI, Bethania. *O comunismo imaginário: práticas discursivas da imprensa sobre o PCB (1922-1989)*. Tese de Doutorado, Linguística. Campinas: Unicamp, 1996.

ORLANDI, Eni. *Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos*. Pontes Editores: Campinas, 2012.

ORLANDI, Eni. *Interpretação; autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Vozes: Petrópolis, 1996.

PAGANOTTI, Ivan. A gota d'água que irrompe da tensão entre público e privado: a ameaça de expulsão do correspondente Larry Rohter, do New York Times. *Culturas Midiáticas*, v. 5, n. 2, 2012.

PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso (AAD69). In: GADET, F.; HAK, T. Por uma Análise Automática do Discurso. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi. 4ª. ed. Campinas: Editora UNICAMP, 1997[1969].

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Ed. Unicamp, 1995[1975].

PESQUISA Datafolha: veja perfil dos eleitores de cada candidato a presidente por sexo, idade, escolaridade, renda e região. G1. 03 out. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/eleicao-em-numeros/noticia/2018/10/03/pesquisa-datafolha-veja-perfil-dos-eleitores-de-cada-candidato-a-presidente-por-sexo-idade-escolaridade-renda-e-regiao.ghtml> Acesso em: 24 abr. 2024.

ROTHER, Larry. Hábito de bebericar do presidente vira preocupação nacional. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 9 maio 2004. Disponível em: <https://feeds.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc0905200405.htm> Acesso em: 24 abr. 2024.

VASCONCELOS, Fabíola Mendonça de. *Mídia e conservadorismo: o globo, a folha de S. Paulo e a ascensão política de Bolsonaro e do bolsonarismo*. 2021. Tese de doutorado, Serviço Social. Recife, UFPE, 2021.

Recebido em: 28/05/2024

Aceito em: 30/07/2024

**Frederico Guimarães:** Doutor pelo Programa de Pós Graduação em Estudos da Linguagem da UFF, mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Memória Social da UNIRIO em 2008, possui graduação com licenciatura em História e em Língua Portuguesa. Experiência de pesquisa nas áreas de Análise do Discurso, História, Memória e Linguagem, com ênfase nas temáticas sobre: Movimentos e Práticas Sociais; discursos de gêneros e sexualidades; e direitos civis. Atualmente se dedica no desenvolvimento de projeto voltado sobre a reflexão discursiva das Fake News históricas e atuais.